

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
(Organizadora)

**Filosofia**  
**Política,**  
**Educação,**  
**Direito e**  
**Sociedade 4**

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e  
Sociedade 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-097-1

DOI 10.22533/at.ed.971190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.  
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INFLUÊNCIA DE PARADIGMA NA RELAÇÃO ENTRE ESTILOS E ENSINO DE APRENDIZAGEM NA GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Carla Cristina Sousa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9711904021	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
MODELO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA EM MATO GROSSO DURANTE O PERÍODO DE 1930 A 1950	
Silvana Maria da Silva	
Jeferson Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9711904022	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
A ESCOLA RECONHECENDO SEU PODER COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	
Géssica Dal Pont	
DOI 10.22533/at.ed.9711904023	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>25</b>
A CULTURA VISUAL ESCOLAR E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA	
Luiz Carlos Cerquinho de Brito	
Valdejane Tavares Kawada	
DOI 10.22533/at.ed.9711904024	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
A ACEITAÇÃO PRÓPRIA DA CRIANÇA SURDA ATRAVÉS DA LITERATURA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE EM FREUD	
Bianca Barros Viana	
DOI 10.22533/at.ed.9711904025	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
LAS DISCIPLINAS 'PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS' Y SUS CONTRIBUCIONES A LA FORMACIÓN INICIAL DE PROFESORES DE QUÍMICA EN BRASIL: UN ESTUDIO DE CASO	
Elber Ricardo Alves dos Santos	
Lenalda Dias dos Santos	
Maria Clara Pinto Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9711904026	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
PROFESSOR ARTICULADOR: UMA PROPOSTA DE TRABALHO NA ESCOLA SESI-RS	
Sônia Elizabeth Bier	
Danielle Schio Rockenbach	
Luiza Seffrin Zorzo	
Joice Welter Ramos	
Marta Moraes Bitencourt	
DOI 10.22533/at.ed.9711904027	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>70</b>
LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE: USO DO “INTERNETÊS” ONLINE LANGUAGE AND TECHNOLOGY: USE OF THE INTERNETÊS	
Eloiza da Silva Gomes de Oliveira Caio Abitbol Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9711904028</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>78</b>
LUDICIDADE E O BRINCAR: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Nayara Paloma Vieira Galdino Thays Evelin da Silva Brito Kátia Farias Antero	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9711904029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>82</b>
LUGAR DE ALUNO É NA COZINHA: UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR	
Janaína Moreira Pacheco de Souza Fabrício Nelson Lacerda Carolina Barreiros de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>93</b>
“MALA DA LEITURA”: A LEITURA EM MOVIMENTO	
Mariângela Gomes de Assis Elisângela Justino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>100</b>
MEMÓRIAS DO GRUPO ESCOLAR EUGÊNIO JARDIM: O QUE NOS REVELA SEU “TERMO DE VISITA”?	
Márcia Campos Moraes Guimarães Maria Aparecida Alves Silva Kênia Guimarães Furquim Camargo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>114</b>
MÉTODO DA COMPOSTEIRA ( <i>BIN METHOD</i> ) PARA COMPOSTAGEM DE CARCAÇAS DE ANIMAIS EM CATALÃO	
Marcelo Victor Mesquita Pires Ed Carlo Rosa Paiva Priscila Afonso Rodrigues de Sousa Jupyracyara Jandyra de Carvalho Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>129</b>
MODELO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA EM MATO GROSSO DURANTE O PERÍODO DE 1930 A 1950	
Silvana Maria da Silva Jeferson Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040214</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>137</b>
NOMADISMO DIGITAL: AUTONOMIA E MOBILIDADE NA EDUCAÇÃO	
Rozevania Valadares de Meneses César Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>149</b>
A MONITORIA NO ENSINO SUPERIOR – AÇÃO E REFLEXÃO DO FAZER DOCENTE	
Faraídes Maria Sisconeto de Freitas Fabiana Helena Silva Valeska Guimarães Rezende da Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>157</b>
A FORMULAÇÃO DE PROBLEMAS NA APRENDIZAGEM DA PROBABILIDADE CONDICIONADA	
Carla Maria Lopes da Silva Afonso dos Santos Cristina Paula da Silva Dias Maria José Pinto da Silva Varadinov Joaquim Manuel Baltazar Vaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>165</b>
A GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA EM DEBATE: AS PROPOSIÇÕES OFICIAIS E A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
Leila Procópio do Nascimento Valeska Nahas Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>184</b>
O CURSO DE HOSPEDAGEM DAS EEEPs DO CEARÁ E A CONTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS EM SEU PROCESSO FORMATIVO	
Maria Lucimar Vieira Ângela Onofre Lima Francisco José Assunção da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>196</b>
O CURSO NORMAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DA ASSOCIAÇÃO INSTRUTIVA JOSÉ BONIFÁCIO DE SANTOS- AIJB	
Lúcia Tavares Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>211</b>
A AVALIAÇÃO DA ORALIDADE EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO	
Flávia Barbosa de Santana Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040221</b>	



**CAPÍTULO 22 ..... 222**

A AVALIAÇÃO OBJETIVA DOS CONHECIMENTOS DE MATEMÁTICA À ENTRADA DO ENSINO SUPERIOR DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS: CONSTRUÇÃO E RESULTADOS DE UM TESTE ESTANDARIZADO DE CONHECIMENTOS - PMAT

Maria Helena Morgado Monteiro  
Maria João Rosado de Sousa Afonso  
Fernanda Marília Daniel Pires

**DOI 10.22533/at.ed.97119040222**

**CAPÍTULO 23 ..... 230**

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE MENINOS E MENINAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL POR MEIO DOS ATOS DE LEITURA TRIANGULADA: EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS

Natalia Ribeiro Ferreira  
Marise Marçalina de Castro Silva Rosa

**DOI 10.22533/at.ed.97119040223**

**CAPÍTULO 24 ..... 243**

O ENTENDIMENTO NO ESPAÇO ESCOLAR SOBRE O CONCEITO DA HOMOSSEXUALIDADE

Joseanne Aparecida Maramaldo Levi

**DOI 10.22533/at.ed.97119040224**

**CAPÍTULO 25 ..... 249**

EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERCEPÇÃO DE GESTORES DE ESCOLAS PÚBLICAS

Filipe Celestino Girão Nobre  
Juliana Campos da Silva  
Francisca Bertilia Chaves Costa  
July Grassiely de Oliveira Branco  
Ana Maria Fontenelle Catrib

**DOI 10.22533/at.ed.97119040225**

**CAPÍTULO 26 ..... 260**

REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Francine Mendes dos Santos  
Itana Nogueira Nunes

**DOI 10.22533/at.ed.97119040226**

**CAPÍTULO 27 ..... 266**

REDES SOCIAIS E COMPORTAMENTO POLÍTICO VIOLENTO: UMA SÍNTESE DAS AMEAÇAS AOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL

Jonas Modesto de Abreu  
Danielle Pereira de Melo

**DOI 10.22533/at.ed.97119040227**

**CAPÍTULO 28 ..... 278**

RIZOMA E EDUCAÇÃO: GILES DELEUZE E FÉLIX GUATARI, CONTRIBUIÇÕES JUNTO A EDUCAÇÃO

Beatriz Ferrari Westrup  
Jocilene Fernandes Cruz  
Sibele Guedin Custódio

**DOI 10.22533/at.ed.97119040228**

**CAPÍTULO 29 ..... 282**

TRABALHO E SER SOCIAL: TRANSFORMAÇÕES E CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Alexandra Queiroga Cavalcante Bezerra

Ana Candida Chagas Alencar

Carmem Maria Vieira de Amorim

Francisco Rivelino Oliveira Nascimento

Geicy Caroline Duarte Caldas

**DOI 10.22533/at.ed.97119040229**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 293**

## TRABALHO E SER SOCIAL: TRANSFORMAÇÕES E CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

### **Alexandra Queiroga Cavalcante Bezerra**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)  
Iguatu (CE)

### **Ana Candida Chagas Alencar**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)  
Iguatu (CE)

### **Carmem Maria Vieira de Amorim**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)  
Iguatu (CE)

### **Francisco Rivelino Oliveira Nascimento**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)  
Iguatu (CE)

### **Geicy Caroline Duarte Caldas**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)  
Iguatu (CE)

**RESUMO:** Este artigo propõe fazer uma análise crítica da construção do homem enquanto ser social e a constituição das classes dentro do modo de produção capitalista, destacando o processo de metamorfose que o trabalho assumiu na sociedade, desde o seu processo ontológico até os dias atuais. O modo de produção capitalista que tem como um de seus elementos centrais a exploração existente

na relação capital-trabalho, fazendo com que historicamente a sociedade seja marcada pela divisão social entre classes sociais, sendo essas antagônicas e definidas por quem possui ou não os meios de produção. Diante desse contexto foi realizado uma pesquisa bibliográfica, baseando-se na dialética de Marx, onde se percebeu a perda de reconhecimento do homem e o papel que o mesmo realiza dentro da sociedade, como também o processo de exploração da classe trabalhadora e a precarização na realização do trabalho diante das diversas transformações do capitalismo. Com isso, pretende-se evidenciar o contexto desenhado historicamente na sociedade capitalista, como também o revestimento dado por esse modo de produção, buscando instigar um debate a respeito desse sistema perverso, que ideológica e politicamente atua dentro da sociedade controlando os indivíduos, para que os mesmos reproduzam os seus valores, fazendo com que a classe trabalhadora perca seu reconhecimento enquanto classe que faz parte do processo revolucionário do sistema, que tem como base à exploração das forças produtivas, em virtude da apropriação privada dos meios socialmente produzidos, visando propiciar uma valorização do desenvolvimento econômico, em face de uma desvalorização do desenvolvimento social.

**PALAVRAS CHAVE:** Capitalismo, trabalho,

**ABSTRACT:** This article proposes to make a critical analysis of the construction of man as a social being and the constitution of classes within the capitalist mode of production, highlighting the process of metamorphosis that the work has assumed in society, from its ontological process to the present day. The capitalist mode of production which has as one of its central elements the exploitation existing in the capital-labor relation, causing that historically the society is marked by the social division between social classes, being these antagonistic and defined by who owns or not the means of production. In view of this context, a bibliographical research was carried out, based on the dialectic of Marx, where it was perceived the loss of recognition of man and the role he plays within society, as well as the process of exploitation of the working class and the precariousness in the various transformations of capitalism. The purpose of this paper is to highlight the historically designed context in capitalist society, as well as the overlap given by this mode of production, seeking to instigate a debate about this perverse system, which ideologically and politically operates within society by controlling individuals, so that they reproduce their values, causing the working class to lose its recognition as a class that forms part of the revolutionary process of the system, which is based on the exploitation of the productive forces, by virtue of the private appropriation of the socially produced means, in order to provide a valuation of economic development, in the face of a depreciation of social development.

**KEYWORDS:** Capitalism, work, social classes, exploration

## 1 | QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Ao decorrer desse artigo, será trabalhado o estudo do contexto histórico que aborda o trabalho e suas transformações que afetam as classes sociais dentro do Modo de Produção Capitalista (MPC), que tem como um de seus elementos centrais a exploração na relação capital-trabalho, o que faz historicamente a sociedade ser marcada pela divisão social entre classes sociais sendo essas antagônicas e definidas por quem possui ou não os meios de produção.

Na medida em que o mesmo se desenvolve e proporciona ao homem uma relação com a natureza, tendo por objetivo satisfazer as suas necessidades, como também as modificar através das suas relações dentro da sociedade. Trazendo elementos sobre a reconfiguração do trabalho desde o seu processo ontológico, onde o homem se constrói como ser social e expõe características da construção das classes sociais dentro do sistema capitalista, que se constituem de forma antagônica, aumentando visivelmente as desigualdades sociais, diante da apropriação privada pela classe burguesa dos meios produzidos socialmente pela classe trabalhadora que representa em maior número a sociedade. Assim, sobre o processo ontológico, Lessa (2011) destaca:

“[...] os homens se distinguem da natureza por consubstanciarem uma terceira

esfera ontológica cuja essência é uma causalidade não mais apenas dada, como no mundo natural, mas posta por atos humanos - pode e deve ser dada pela ontologia. Todavia, esta resposta ontológica está longe de ser suficiente para elucidar as formas historicamente concretas do salto ontológico do homem para além da natureza. (LESSA, 2011, p.139)

É a partir do trabalho que o homem se constrói historicamente, colocando como foco os seus objetivos e transformando o meio em que vive para conseguir alcançá-los. Com base no texto de Engels (1896), podemos compreender que o trabalho é o elemento indispensável ao homem, pois o proporciona relacionar-se com a natureza, trazendo como consequência o seu desenvolvimento enquanto ser social. No sentido econômico ele é responsável pela criação de valores, ou seja, a especificidade do trabalho será fator determinante na atribuição de valor a mercadoria produzida. Este último é fundamental para entender a categoria do trabalho dentro do sistema capitalista. É no decorrer da sua construção enquanto homem dentro da sociedade, que se fazem presentes as diversas transformações no mundo do trabalho, já que as forças produtivas vão se desenvolvendo e organizando a sociedade em classes, que se separam e assumem características distintas entre aqueles que possuem ou não os meios de produção. Marx ressalta que:

No processo de trabalho que é simultaneamente processo capitalista de produção, os meios de produção empregam o operário, de tal sorte que o trabalho só aparece como um meio graças ao qual determinada quantidade de valor, ou seja, determinada massa de trabalho objetivado, suga trabalho vivo para se conservar e incrementar. O processo de trabalho aparece assim como processo de autovalorização (por intermédio do trabalho vivo) do trabalho objetivado. (MARX, 2004.p.75)

Faz-se necessário uma compreensão sobre as dimensões capital e trabalho dentro da sociedade, para analisarmos que no MPC as classes irão ser definidas a partir da posição que elas assumem em um dado modo de produção, ou seja, a posição que elas estão inseridas na divisão social do trabalho, de acordo com a função que elas desempenham e não pelo poder aquisitivo, porém todas dominadas pelo capital, apesar de existir outras classes sociais, o conflito maior se dá entre a classe burguesa e o proletariado, que são marcadas pela relação de exploração através da extração da mais-valia.

Segundo Netto e Braz (2012), mais-valia é o acréscimo de valor que surgiu no processo de produção, valor criado pela força de trabalho que, como vimos, produz um valor maior (excedente) ao que custa. A apropriação, pelo capitalista, desse excedente configura a *exploração* do trabalho pelo capital.

No MPC, Marx traz elementos sobre o processo de consciência da classe proletária, quando passa do estágio de “Classe em si” para ser “classe para si”, trazendo como elemento o acúmulo político nas disputas de classes sociais. É nesse contexto que intensificam as transformações na sociedade que afetam o mundo do trabalho e as relações sociais a partir desse modo de produção que tem intensa importância na compreensão do contexto histórico, político e sócio-econômico, que irão se definir com tensões diferenciadas e características próprias, pois nessa sociedade capitalista o

papel do trabalho assumiu caráter de uma mercadoria regulamentada, estabelecendo uma relação entre patrões e empregados, diante da apropriação privada dos meios de produção, ampliando a complexidade da divisão sócio-técnica do trabalho e seus impactos na relação de antagonismo e enfrentamento entre as classes sociais. Nesse sentido, lamamoto (2015, p.84) considera o Serviço Social como uma “*especialização do trabalho coletivo, dentro da divisão social e técnica do trabalho, participe do processo de produção e reprodução das relações sociais*”.

## 2 | CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO HOMEM COMO UM SER SOCIAL

O trabalho em sua dimensão ontológica possui em sua composição as bases para transformar e distinguir o homem de outros animais o tornando um ser cognoscente e, portanto dotado de sociabilidade. Entende-se que o trabalho foi um dos mediadores para o desenvolvimento de autoconstrução do homem como ser social, porque devido às ações de falar, de pensar é que o homem cria novas necessidades e habilidades que possibilitam o seu desenvolvimento, ou seja, é mais que um mero instrumento de produzir capital, ele é o construtor do ser social pois é a partir do fazer e refazer agindo na transformação da natureza que o homem se humaniza.

A construção do ser social vem está diretamente ligada com a linguagem, sociedade e o trabalho. Como afirma, Lessa (1996):

Os atos de trabalho, contudo, apenas podem a vir a ser e desenvolver tendo por mediação dois complexos sociais fundamentais. Por um lado, apenas podem ocorrer no interior de relações sociais; Por outro lado, nem as relações sociais nem sequer a prévia ideação, portadora da finalidade poderiam vir a ser sem a linguagem. Portanto, já no seu momento primordial, o ser social comparece como um complexo constituído, pelo menos por três categorias primordiais: a sociedade, a linguagem e o trabalho. (LESSA, 1996. p.10)

Em meio a está ligação pode-se entender que, esse desenvolvimento do ser social já se faz presente desde as bases do trabalho ontológico, quando os homens trabalhavam na transformação da natureza somente para atender as suas próprias necessidades, ou seja, a fome, a caça, a pesca, onde eles criavam objetos pra essa última finalidade, porém subtende-se que o trabalho foi um dos responsáveis pelos os fatores constitutivos do ser social na sociabilidade. Segundo Engels:

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. (ENGELS, 1876, p.1)

O trabalho ontológico na perspectiva marxista explica-se então, como sendo aquele que humaniza o homem na medida em que ele transforma o meio em que vive, ou seja, uma ação da práxis. Na objetivação do trabalho Marx afirma, que “O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural

para satisfazer a necessidades humanas [...]”.(MARX,1985a, p.303)

O ser humano, nessa relação, se diferencia dos outros animais e da natureza pela sua capacidade teleológica, ou seja, onde o mesmo tem a capacidade de pensar e idealizar previamente o seu determinado objetivo. Como Netto e Braz (2011, p.51) discorrem: “O ser social é a síntese dessas determinações estruturais. Só ele é capaz de agir teleologicamente, só ele se propõe finalidades e antecipa metas - em suma, só ele dispõe da capacidade de projetar.”

O trabalho é o mediador das ações dos homens e mulheres com a natureza, que se utilizam dessa fonte natural para garantir a sua sobrevivência de acordo com o surgimento de suas necessidades, tomando assim algumas referências de Marx.

Contudo, para ocorrer essa transformação nas relações sociais, foi necessário que se fizesse presente uma linguagem, que proporcionasse um desenvolvimento entre os homens, sendo que essa linguagem acontecerá de forma articulada na medida em que os homens vão se apresentar na sociedade de forma de aprendiz com uma ligação com outros grupos.

Como se pode notar, o trabalho é um vínculo que não se pode ser analisado isoladamente e fora de outros contextos, pois o mesmo se expressa e se modifica a partir de uma ação conjunta de um indivíduo com outro, tornando o trabalho uma ação coletiva. Porém, na sociedade vigente quem predomina é o capitalismo, que faz com que o trabalho venha ter seu verdadeiro sentido alterado, se transformando em fontes de produzir riquezas, Netto e Braz (2011) afirmam:

[...] a comunicação é tanto mais necessário se se leva conta que o trabalho jamais é um processo capaz de surgir, de se desenvolver ou, ainda, de se realizar, em qualquer tempo, como atividade isolada de um ou outro membro da espécie humana. O trabalho é, sempre, atividade coletiva: seu sujeito nunca é um sujeito isolado, mas sempre se isenção conjunta [...]., (NETTO; BRAZ, 2011. p. 43-44)

Hoje, vivenciamos uma tessitura que nos remete a fazer uma análise de toda uma conjuntura sobre o sistema vigente, o capitalismo, relacionando como se construiu a configuração do trabalho frente a essas metamorfoses trazidas pelo capital, que tem como forma basilar para seu desenvolvimento a exploração do homem pelo o homem, desapropriando-o do seu sentido ontológico, para se adequar agora a um processo de compra e venda da força trabalho. Com isso, o processo de trabalho vai cada vez mais se fragmentando e ganhado novos rumos, na medida em que o trabalho passa a ser uma propriedade privada de alguns para alcançarem suas riquezas, por meio de uma exploração a que Marx vem chamar de “mais-valia”, que seria o trabalho excedente na produção de uma mercadoria equacionado pelo processo de alienação/estranhamento. Nessa perspectiva:

Estranhado frente ao produto do seu trabalho e frente ao próprio ato de produção da vida material, o ser social torna-se um ser estranho frente a ele mesmo: o homem estranha-se do próprio homem. Torna-se estranho em relação ao gênero humano. “O homem se converte em um simples meio para outro homem; um meio para a satisfação de seus fins privados, de sua avidez”. Não se verifica o momento de identidade entre indivíduo e o gênero humano – isto é, o homem *vivendo para-si-*

*mesmo conscientemente como gênero* -, mas o seu contrário. (ANTUNES, 2003, p. 128).

Na sociedade capitalista, a maior parte das pessoas só tem como sua propriedade privada a capacidade física e mental, e a principal mercadoria que ao longo do tempo só perde cada vez mais o seu valor, a força de trabalho, onde essa última acaba se tornando um simples produto que possui um valor de venda e um valor de troca que se sujeita as mais diversas explorações postas pelo capital. Dessa forma, o trabalho vai se tornando cada vez mais coisificado, alienado onde as pessoas não se reconhecem mais, e tratado como um instrumento coercitivo da classe burguesa sobre a classe trabalhadora.

Percebe-se, portanto, que ao longo dos tempos o trabalho foi se tornando um instrumento de mera exploração de riqueza do homem pelo homem e, deixando de exercer o seu verdadeiro sentido, onde seria a construção do homem na medida em que, atendendo suas necessidades na transformação da natureza. E na medida que o homem se insere no mundo do capital ele vai se alienando, e atendendo somente aos ditames do capitalismo. Ocorre assim, o que Marx vem definir como subsunção real do trabalho:

[...] a subsunção real do trabalho ao capital, [...] - vai operar-se com a consolidação dos processos produtivos possibilitados pela Revolução Industrial, que dá seus primeiros passos no último terço do século XVIII. [...]. Nesta, o capital subordina por inteiro (formal e realmente) o trabalho pelo controle do processo do trabalho: o trabalhador passa a ser um apêndice das máquinas, a sua desqualificação se acentua e igualmente se aprofunda a divisão do trabalho- mas surge, para além da divisão das tarefas diretamente operativas, uma divisão mais profunda: a divisão entre a concepção (e/ou administração) dos processos produtivos e a sua execução [...] (NETTO e BRAZ, 2011, p.122).

Essa forma de subsunção que acontece no processo de trabalho como consequência da inserção da maquinaria que modifica as relações de produção, se opera por um efetivo avanço da alienação que o mesmo sofre quando perde a propriedade dos meios de produção, lhe restando apenas a propriedade de sua força de trabalho para ser vendida ao capitalista.

## **2.1 Constituições das classes no MPC, e suas transformações na sociedade.**

O capitalismo se caracteriza como um modo de produção que de forma avassaladora adentrou na sociedade, deixando-a marcada por transformações e desigualdades que originou uma realidade social histórica composta por contradições, expressa visivelmente na relação capital e trabalho através das relações sociais, contradições essas que se intensificam ao passo que o sistema se desenvolve, é nesse sistema que se faz necessária uma análise em relação às classes sociais, para que se compreenda a divisão social entre elas e como se constrói os processos de consciência de classe e as lutas de classe.



Comumente se trata qualquer grupo ou divisão social como “classe”, assim: classes rica e pobre, classes alta, média e baixa, classes dominante e subalterna, e até classe política etc. Este uso faz com que a categoria de “classe social” perca seu poder explicativo de fundamentos e particularidades da sociedade capitalista. (MONTAÑO; DURIGUETTO, p.82, 2011).

O desenvolvimento desse sistema fez com que cada setor da sociedade fosse colocando a tona suas particularidades, a partir do desenvolvimento crescente dos meios de produção e das forças produtivas acabou-se conseqüentemente existindo uma apropriação privada desses meios por uma pequena parcela da humanidade, onde a outra apenas possui sua força de trabalho para vender e se submeter a esse sistema. Logo, é dentro desse contexto que as classes sociais antagônicas vão se evidenciando, devido à divisão social do trabalho, colocando em cheque a alienação dessas classes que seguem uma ideologia como característica da consciência social. Segundo os autores Carlos Montaña e Maria Lúcia Duriguetto, em Marx:

[...] a classe social é considerada como uma categoria propriamente dialética e em movimento: sendo fundada num modo de produção específico, a) ela apresenta uma dimensão estrutural que determina sua gênese simultaneamente contém contradições e formas de enfrentamento que marcam seu movimento - no MPC a primeira determinação é a relação capital-trabalho; b) ela assume determinações diversas em variados contextos históricos - no centro e na periferia do capital, em contexto de expansão ou recessão, de correlações de força diversas etc.; c) ela é inseparável da consciência de classe e das lutas de classes. (MONTAÑO; DURIGUETTO, p.85, 2011).

As classes sociais constituem-se destacando a estratificação social que envolve castas, estamentos e classes e como se forma a hierarquia social diante da determinação econômica. Dentro do sistema capitalista, se tem a divisão em burguesia, classe trabalhadora, classe trabalhadora e desemprego, lupem-proletariado e a classe média. Dessa forma:

“Marx, n’ *O Dezoito Brumário*, descreve o lupem proletariado como “uma massa indefinida e desempregada”, despossuída de consciência política, composta por indivíduos “arruinados e aventureiros rebentos da burguesia [...] vagabundos, soldados desligados do exército, presidiários libertos, [...] chantagistas, [...] punguistas, trapaceiros, [...] mendigos “ etc”. (MARX e ENGELS, 1977a, p.243 *apud* MONTAÑO, DURIGUETTO, 2011, p.95)

Mas a polarização, as tensões e antagonismos estão evidentes entre as classes: burguesia e proletariado. Destacando-se o fato de que a classe que você ocupa dentro desse sistema que tem como base a obtenção de lucro, dependerá do total da riqueza produzida socialmente que você possui. Já que dentro do modo de produção capitalista o trabalho atuará como uma relação social, além de mediador dessas relações, se reproduzindo a partir da exploração e obtenção da mais-valia extraída da força de trabalho da classe trabalhadora.

Os autores, que abordam as classes sociais dentro do Modo de Produção Capitalista, explicitam: “o trabalhador para ter acesso aos meios necessários para produzir [...], necessita vender sua força de trabalho; como contrapartida disso, o capitalista [...], precisa comprar a força de trabalho e incorporá-la [...] “ (MONTAÑO,

DURIGUETTO,2010 p.78-79).

Dessa forma fica evidente a relação de exploração que existe entre as duas classes, que como consequência traz o desemprego, a pobreza, já que nessa relação se tira a liberdade de escolha do homem, o deixando alienado para que se submeta as mais diversas formas de exploração, e vivencie as diversas expressões da “questão social”, que Segundo Iamamoto e Carvalho (1982):

“A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação no cotidiano, da vida social, da contradição entre proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e da repressão”. (IAMAMOTO; CARVALHO, 1982, p.77)

O seu surgimento se deu com o desenvolvimento do sistema capitalista e industrial, a partir da lei dos cercamentos que começa a se desenvolver em meados do século XVI, e obriga o trabalhador a sair de suas terras já que as mesmas foram privatizadas, fazendo com que eles procurem uma forma de sobreviver se deslocando para o meio urbano, precisando se adaptar às exigências ali impostas, onde ocorre o processo de subsunção do trabalhador ao capital que se rende às mais subalternas condições de trabalho e vida para sobreviver, formando assim o exército industrial de reserva que viviam aos redores das fábricas, representando à força de trabalho que excede às necessidades da produção.

Em consequência disso, os trabalhadores começam a adentrar no cenário político da sociedade, a partir do momento que percebem a condição de exploração que estão vivenciando e passam a ganhar uma consciência de classe, que segundo Marx seguindo Hegel a consciência da classe trabalhadora se evidencia por dois estágios passando de “classe em si” para ser “classe para si”:

A “classe em si” é constituída pela população cuja condição social corresponde com determinado lugar e papel no processo produtivo, e que, independentemente de sua consciência e/ou organização para a luta na defesa de seus interesses, caracterize uma unidade de interesse comuns em oposição aos de outras [...] . A “classe para si” caracteriza outra dimensão possível da constituição e da análise de classe. Conforma uma classe para si aquela que, consciente de seus interesses e inimigos, se organiza para a luta na defesa destes. [...] (MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia, 2010. p.97).

Representando um enorme ganho político para a classe trabalhadora, como também um avanço na relação dialética dentro do contexto do desenvolvimento das classes, trazendo como resultado a consciência que é determinada pela realidade social com impactos da vida cotidiana, e as lutas de classes que assumem o caráter de transformação e revolução social, se organizando contra as contradições presentes entre o capital-trabalho. Essas lutas devem atingir o patamar de lutas políticas, com o objetivo de superar o MPC, organizando-se de forma estratégica para se manifestarem em espaço de lutas.

Essa atuação da sociedade organizada conscientemente e definida para um

contexto de luta com uma correlação de forças sociais, se faz necessária historicamente e atualmente, já que essa organização se deu como consequência da estratégia do sistema capitalista em buscar formas de se restabelecer cada vez mais forte dentro da sociedade. Com isso, as mudanças no sistema capitalista, impactam de forma visível o mundo do trabalho, afetando conseqüentemente as relações trabalhistas e sociais.

Como resposta a essa modificação no sistema capitalista, o mundo do trabalho precisou se readaptar as condições que agora lhes eram impostas, se submetendo à condições precárias, a medida em que vai se tendo um avanço tecnológico, se tem uma maior exploração quando se trata da relação capital e trabalho, que busca apenas se expandir, e deixando para trás todo um contexto histórico de uma sociedade que se divide em classes antagônicas, onde uma sempre sofreu os impactos desse sistema devastador, em função das outras que lucram com a exploração e acumulação dos bens produzidos.

Diante desse contexto, o capitalismo promove transformações sociais e econômicas que afetam a sociedade como um todo, libertando o homem das relações feudais e deixando “livre”. No entanto, o caminho para o desenvolvimento das forças produtivas, é marcado pela constituição de uma sociedade de classes, subordinada a uma nova relação social baseada em uma hierarquia, que determinará o desenvolvimento histórico desse sistema, pois o capital atuará como uma relação social que se reproduz mediante a exploração do trabalho, onde os trabalhadores conseguem minimamente se manter enquanto trabalhadores e os capitalistas através da extração da mais-valia continuam se mantendo no poder.

Fazendo com que as classes fiquem mantidas dentro da estrutura necessária para o sistema continuar se desenvolvendo, mesmo que para isso a sociedade cada vez fique mais fragmentada e alienada, fazendo com que as essas classes sociais não se reconheçam enquanto classes e, apenas reproduzam as ideologias impostas pela classe dominante, e colocadas como universais para que ao longo da história reproduzamos as vontades do capital.

### **3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos elementos expostos podemos perceber que, em decorrência ao modelo de produção vigente que é regido por um processo de exploração e desigualdades, percebe-se que não é um modelo de produção isolado e fixado somente ao processo de exploração física. O capitalismo é um sistema complexo e que vai esta para além da exploração física, ele vem agir em um processo que abrange toda uma totalidade na categoria das forças produtivas, ou seja, as totalidades dessas forças se relacionam em como o capital afeta fisicamente, politicamente e ideologicamente a vida de cada individuo que se insere nesse mundo monopolizado pelo o capital, tornando o trabalhador alienado e individualizado.

Entretanto, apesar desse modelo ser na atualidade o que vem direcionar as relações sociais é preciso que se tenha consciência da necessidade de uma transformação societária, a partir de uma revolução social que busque romper com esse sistema e tentar inserir a sociedade em um novo modelo de produção, seja ele o comunismo ou o socialismo, onde a riqueza seja distribuída de forma justa e que as desigualdades sociais sejam amenizadas. Para isso, é preciso que a classe trabalhadora explorada cotidianamente e alienada devido à ideologia hegemônica burguesa, se organize politicamente para que através de suas lutas proporcionem um avanço estrutural na sociedade.

Para Marx e Engels, o proletariado, a classe trabalhadora, é a vanguarda, o agente capaz de expor as contradições do modo de produção capitalista e promover as condições necessárias à superação desse modo de produção. É de fato notório, os impactos desse sistema na categoria do trabalho, que em ontologia nos remete a entender o seu processo como sendo aquele que vai ajudar o homem na sua evolução na medida em que ele se apropria na transformação da natureza, para atender suas necessidades.

Porém, a partir da abordagem feita no decorrer do artigo faz-se necessário o entendimento que, com o novo modelo (MPC), à sociedade vai tomando rumos opostos e desiguais por consequência das contradições postas por esse sistema. Que vem colocar em foco as duas classes principais (burguesia e proletariado) detentores e não detentores do capital, que desta forma a riqueza vai sendo produzida coletivamente, porém sendo apropriada privadamente por poucos. Em face à essa realidade, é visível que historicamente o capital se utiliza de estratégias para se refazer economicamente, em detrimento da fragilização do aspecto social, com isso a classe subalterna vai cada vez mais se submetendo as exigências do capitalismo, fragmentando-se e não se reconhecendo mais como uma única classe, na medida que agora o trabalho não é mais visto só como uma forma de humanização do ser social.

O trabalho ao introduzir-se no sistema capitalista, vai ganhando novas dimensões e significados distintos daqueles produzidos pelos homens em sua forma primitiva. Agora ele vai ser fruto da exploração do homem pelo o homem, na medida em que se configura no processo da extração da mais-valia. Ao pensarmos o ser social na atualidade, podemos nos voltar a interpretar como ele vai se tornando cada vez mais um ser alienado e coisificado dentre as relações sociais, que diante das condições e contradições que são impostas aos indivíduos no sistema capitalista, eles acabam por não se reconhecerem mais diante da sociedade, tornando dessa maneira difícil até a sua visão quanto a sua liberdade. Entende-se que o trabalho na sua condição ontológica se manifesta como sendo um processo de liberdade, na medida em que o mesmo cria e recria as suas necessidades e habilidades.

Em vista dos argumentos apresentados, percebe-se que o sistema capitalista ao tirar do homem a sua capacidade ontológica, e torná-lo alienado, dificulta o processo de reconhecimento da classe trabalhadora enquanto classe que atua com tamanha

importância dentro do contexto político societário. Esse fator se torna preocupante, pois somente a classe trabalhadora a partir de sua consciência e organização política, ideológica construída socialmente com lutas, pode modificar a atual estrutura social, visando assim uma emancipação política e ideológica que fará a sociedade caminhar para uma nova realidade. Muito se discute a importância de pensamentos como o Marxista se fazer presente na realidade social, e que o mesmo influencie nas decisões das organizações que buscam romper com a ordem vigente, pois para Marx é tido como principal tarefa do homem à transformação do mundo com o objetivo de romper com a alienação e social e política, que faça com que a classe trabalhadora perca o caráter de submissão às ordens e decisões do capital e do Estado burguês.

Portanto, faz-se mais do que nunca urgentemente necessário, o intimato que Marx nos fez no século XIX e que em plena contemporaneidade se configura dramaticamente atual. Nessa rubrica: “Proletários de todos os países, uni-vos!”. (MARX; ENGELS, 2008, p.64).

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. - 9 ed.- São Paulo: Cortez; Campina, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- ENGELS, Friederich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco homem**. Neve Zelt: Edição Soviética, 1896.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. - 26. ed. - São Paulo. Cortez, 2015.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil** - 19 ed. - São Paulo: Cortez, 1982.
- JOST, Araci. SCHLESENER, A.H. **TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA: observações acerca dos escritos de Marx** - 6º Colóquio Internacional Marx e Engels. Disponível em <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 11 de maio de 2016.
- LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. -2.ed. - São Paulo : Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A centralidade ontológica do trabalho em Lukács**. Serviço Social e Sociedade, nº 52 - Ano XVII, dezembro de 1996.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985a. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).
- MONTAÑO, Carlos. **Estado, classe e movimento social/** Carlos Montaña, Maria Lúcia Duriguetto.- 1.ed. - São Paulo : Coretz,2010 - (Biblioteca básica de serviço social ; v. 5).
- NETTO, J. Paulo, BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma crítica** – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – ( biblioteca básica de Serviço Social; v.1).

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-097-1

